

# **A Ovinocultura no Mundo e no Brasil: Uma Realidade**

Danielle Ma. M. Ribeiro Azevêdo, Pesquisadora CNPq/FAPEPI Bolsista de DCR DZO/CCA/UFPI

Daniel Cezar da Silva, Graduando em Medicina Veterinária UFPI, Bolsista PIBIC/UFPI

Rodolfo Silveira Pessoa, graduando em Engenharia Agrônômica UFPI, Bolsista PIBIC/FAPEPI

Pedro Norberto de Moura Júnior, Técnico Agrícola, Bolsista ATM/FAPEPI

A ovinocultura é uma atividade explorada em todos os continentes, estando presente em áreas com as mais diversas características edafoclimáticas. No entanto, apenas em alguns países apresenta expressão econômica, adotando, na maioria dos casos, baixos níveis de tecnologia e, conseqüentemente, obtendo baixa rentabilidade.

Estima-se o efetivo mundial de ovinos em 1 bilhão de cabeças, estando os maiores rebanhos localizados na Austrália, China e Nova Zelândia, que concentram, respectivamente, 28, 14 e 9% do efetivo mundial (NOGUEIRA FILHO, 2003). Segundo COUTO (2003), nos últimos doze anos, apenas o continente africano apresentou crescimento em seu efetivo ovino (1,4% ao ano) havendo, em nível mundial uma redução de 1,18%, provavelmente em decorrência da queda no valor internacional da lã. Este fato pode ser corroborado em nível de Brasil, visto que o efetivo da região Sul, onde predominam as raças lanadas, apresentou uma redução de 50,1% entre 1980 e 2001, enquanto que nas regiões Norte, Centro Oeste e Nordeste, onde predominam as raças de ovinos deslanados, aumentou em 227,8; 238,2 e 13,5%, respectivamente.

A espécie ovina foi uma das primeiras a ser introduzida no Brasil pelos colonizadores portugueses. No Nordeste, em decorrência do sistema ultra-extensivo de criação, em associação às condições adversas do semi-árido os ovinos sofreram uma seleção natural ao longo dos séculos. Esta seleção levou ao desenvolvimento de animais cujas principais características são rusticidade, boa capacidade de reprodução e pele de ótima qualidade, porém, tardios, de porte reduzido e carcaça inferior.

Até a década de 90 do século passado, o consumo de carne ovina no mercado brasileiro era pequeno e restrito às fazendas e/ou épocas definidas do ano (Páscoa e Natal). Atualmente, a divulgação das qualidades típicas da carne ovina, pelo seu sabor e qualidade nutritiva, promoveu um aumento considerável no consumo deste produto em regiões não tradicionais, o que tem ocasionado um incremento considerável em sua demanda. No entanto, poucos criadores têm atentando para este novo mercado consumidor. Prova disto é que, no Nordeste, apesar dos ovinos serem criados, principalmente, para produção de carne sendo a pele, a lã, o leite e o esterco consideradas funções complementares, a oferta de animais para abate origina-se basicamente de rebanhos não especializados, formados por animais de dupla aptidão, mal conformados para carne e de baixo rendimento de carcaça.

Neste contexto, o incremento na eficiência de produção de carne ovina exige a seleção e a obtenção de animais com uma composição corporal dentro das especificações de mercado, o que está na dependência da precisão dos métodos utilizados para identificar os animais superiores dentro de seus próprios rebanhos e na abrangência em que estes serão disseminados ao rebanho comercial.

Tentativas de melhoramento genético do rebanho ovino do Nordeste têm sido realizadas, do ponto de vista étnico, com a introdução de raças exóticas como a Bergamácia, a Somalis e a Rabo Largo e, mais recentemente, Suffolk e Dorper. Entretanto, a tendência atual é o reconhecimento do potencial da ovinocultura nordestina, selecionando-se para isso os melhores animais dentro de raças e/ou tipos nativos já adaptados às condições da região semi-árida. Embora não exista um censo que estratifique, por raças ou tipos nativos os ovinos existentes na região, estima-se que cerca de 85 a 90% do rebanho sejam de animais de raças deslanadas padronizadas, tais como a Morada Nova, a Santa Inês e a Somalis. Dentre estas, a raça Santa Inês destaca-se, possuindo a maior população de ovinos controlados pela Associação Brasileira de Criadores de Ovinos (ARCO).

Apesar do seu alto valor adaptativo e reprodutivo, que a destaca como excelente alternativa na produção de carne no Nordeste, o que tem sido corroborado pela intensificação de sua produção atualmente também nos estados do Sul e Sudeste do Brasil, a raça Santa Inês ainda não passou por

programas dirigidos de melhoramento genético, sendo a seleção dos melhores exemplares baseada principalmente em suas características morfológicas, pouco correlacionadas com as características de produção.

#### **LITERATURA CITADA**

COUTO, F.A.d'A. Dimensionamento do mercado da carne ovina e caprina no Brasil. In: In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE CAPRINOS E OVINOS DE CORTE, 2., 2003, João Pessoa. Anais...João Pessoa: EMEPA, 2003. CD ROM.

NOGUEIRA FILHO, A. Ações de fomento do Banco do Nordeste e potencialidades da caprino-ovinocultura. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE CAPRINOS E OVINOS DE CORTE, 2., 2003, João Pessoa. Anais...João Pessoa: EMEPA, 2003. CD ROM.